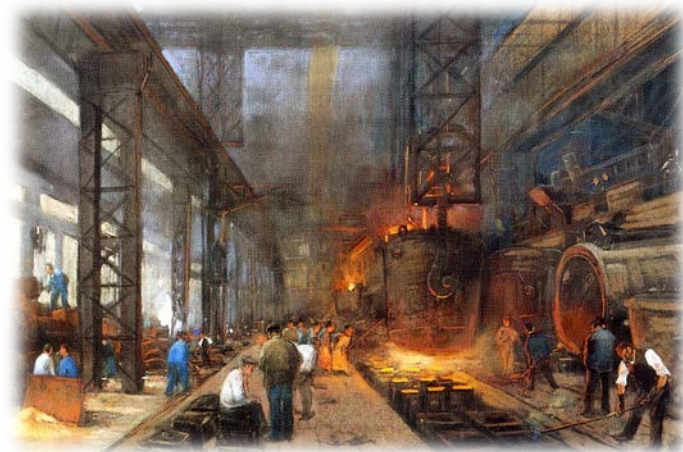


SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA

A Sociologia, no contexto do conhecimento científico, surgiu como um corpo de ideias a respeito do processo de constituição, consolidação e desenvolvimento da sociedade moderna. Ela é fruto da **Revolução Industrial** e é denominada “ciência da crise”, porque procurou dar respostas às questões sociais impostas por essa revolução que, num primeiro momento, alterou a sociedade europeia e, depois, o mundo todo.



A Sociologia como “ciência da sociedade” não surgiu de repente, ou da reflexão de algum autor iluminado; ela é fruto de todo um conhecimento sobre a natureza e a sociedade que se desenvolveu a partir do século XV, quando ocorreram transformações significativas que tiveram como resultado a desagregação da sociedade feudal e a constituição da sociedade capitalista. Essas transformações — a expansão marítima, o comércio ultramarino, a formação dos Estados nacionais, a Reforma Protestante e o desenvolvimento científico e tecnológico — estão vinculadas umas às outras e não podem ser entendidas de forma isolada.

Elas são o pano de fundo que permite entender melhor um movimento intelectual de grande envergadura que alterou profundamente as formas de explicar a natureza e a sociedade desde então.

A **expansão marítima europeia** teve um papel importante nesse processo, pois, com a circunavegação da África e o descobrimento da rota para as Índias e para a América, a concepção de mundo dos povos europeus foi consideravelmente ampliada. A definição de um mundo territorialmente muito mais amplo, com diferentes povos e culturas, exigiu a reformulação do modo de ver e de pensar dos europeus.

Ao mesmo tempo em que se conheciam novos povos e novas culturas, instalavam-se colônias na África, na Ásia e na América, ocorrendo com isso a expansão do comércio de mercadorias (sedas, especiarias e produtos

tropicais, como açúcar, milho, tabaco e café) entre as metrópoles e as colônias, bem como entre os países europeus. Nascia então a possibilidade de um mercado muito mais amplo e com características mundiais.

A exploração de metais preciosos, principalmente na América, e o tráfico de escravos para suprir a mão de obra nas colônias deram grande impulso ao comércio, que não mais ficou restrito aos mercados das cidades-repúblicas (Veneza, Florença ou Flandres), passando também para as mãos de grandes comerciantes e de soberanos dos importantes Estados nacionais em formação na Europa.

Toda essa expansão territorial e comercial acelerou o desenvolvimento da economia monetária, com a acumulação de capitais pela burguesia comercial, que, mais tarde, teve uma importância decisiva na gestação do processo de industrialização da Europa.

As mudanças que se operavam nas formas de produzir a riqueza só poderiam funcionar se ocorressem modificações na organização política. Assim, pouco a pouco, desenvolveu-se uma estrutura estatal que tinha por base a *centralização da justiça*, com um novo sistema jurídico baseado no Direito romano.

Houve também a *centralização das forças armadas*, com a formação de um exército permanente, e a *centralização administrativa*, com um aparato burocrático ordenado hierarquicamente e com um sistema de cobrança de impostos que permitiu a arrecadação constante para manter todo esse aparato jurídico-burocrático-militar sob um único comando. Nasceu, dessa forma, o Estado moderno, que favoreceu a expansão das atividades vinculadas ao desenvolvimento da produção têxtil, à mineração e à siderurgia, bem como ao comércio interno e externo.

No século XVI, desenvolveu-se outro movimento, o da **Reforma Protestante**. Esse movimento, que entrou em conflito com a autoridade papal e a estrutura da Igreja, valorizava o indivíduo e permitia a livre leitura das Escrituras Sagradas; provocava, dessa forma, o confronto com o monopólio do clero na interpretação baseada na fé e nos dogmas. Muitos passaram, então, em vários lugares do mundo ocidental, não só a interpretar as Escrituras Sagradas, como também a professar sua fé em Deus diretamente, sem a intermediação dos ministros da Igreja.

Se nascia uma nova maneira de se relacionar com as coisas sagradas, concebia-se também outra forma de analisar o universo. A *razão* passava a ser soberana e era entendida como elemento essencial para se conhecer o mundo; isto é, os homens deviam ser livres para julgar, avaliar, pensar e emitir opiniões, sem se submeter a nenhuma autoridade transcendente ou divina, que tinha na Igreja a sua maior defensora e guardiã.

Do século XV ao XVII, o *conhecimento racional* do universo e da vida em sociedade tornou-se uma regra seguida por alguns pensadores; foi uma mudança lenta, sempre enfrentando embates contra o dogmatismo e a autoridade da Igreja, a exemplo do Concílio de Trento e dos processos da Inquisição, que procuraram impedir toda e qualquer manifestação que pudesse pôr em dúvida a autoridade eclesiástica, seja no campo da fé, seja no das explicações que se propunham para a sociedade e a natureza.

Essa nova forma de conhecer a natureza e a sociedade, em que a experimentação e a observação eram fundamentais, era representada pelo pensamento e pelas obras de diversos autores; entre eles, Nicolau Maquiavel (1469-1527), Nicolau Copérnico (1473-1543), Galileu Galilei (1564-1642), Thomas Hobbes (1588-1679), Francis Bacon (1561-1626) e René Descartes (1596-1650). Além desses pensadores, dois outros fizeram a intermediação entre esses conhecimentos e os que se desenvolveram no século seguinte: John Locke (1632-1704) e Isaac Newton (1642-1727). Ao passo que o primeiro propunha novos princípios para a compreensão da razão humana, o segundo estabelecia um novo fundamento para o estudo da natureza.

A hegemonia burguesa

Na maioria dos países europeus no final do século XVIII, a burguesia comercial, formada basicamente por comerciantes e banqueiros, tornou-se uma classe com muito poder, na maior parte das vezes, por causa das ligações econômicas que mantinha com os monarcas. Essa classe, além de sustentar o comércio entre os países europeus, estendia seus tentáculos a todos os pontos do globo, comprando e vendendo mercadorias, tornando o mundo cada dia mais europeizado.

O capital mercantil se estendia também a outro ramo de atividade: gradativamente se organizava a produção manufatureira. A compra de matérias-primas e a organização da produção por meio do trabalho domiciliar ou do trabalho em oficinas levavam ao desenvolvimento de um novo processo produtivo em contraposição ao processo artesanal e das corporações de ofício.

Ao se desenvolver a manufatura, os organizadores da produção passaram a se interessar cada vez mais pelo aperfeiçoamento das técnicas de produção, visando produzir mais com menos gente, aumentando significativamente os lucros. Para tanto, procuraram investir nos “inventos”, isto é, financiar a criação de máquinas que pudessem ter aplicação no processo produtivo.

Foram criadas, nesse contexto, as máquinas de descaroçar e de tecer algodão, e se iniciou a aplicação industrial da máquina a vapor e de outros tantos inventos destinados a aumentar a produtividade do trabalho. Desenvolveu-se então o fenômeno que veio a ser chamado de *maquinofatura*. O trabalho que os homens realizavam com as mãos ou com ferramentas passou, a partir de então, a ser feito por meio de máquinas, elevando muito o volume da produção de mercadorias.

A presença da máquina a vapor, que podia mover outras tantas máquinas, incentivou o surgimento da indústria construtora de máquinas, que, por sua vez, incentivou toda a indústria voltada para a produção de ferro e, posteriormente, de aço. É interessante lembrar que já no final do século XVIII produziam-se ferro e aço com a utilização do carvão mineral.

Nesse contexto de profundas alterações no processo produtivo, cada vez mais o trabalho mecânico convivía com o trabalho artesanal. A maquinofatura se completava com o trabalho assalariado, incluindo a utilização, numa escala crescente, da mão de obra feminina e da infantil.

Ao mesmo tempo, longe da Europa, intensificava-se a exploração do ouro no Brasil, da prata no México e do algodão na América do Norte e na Índia. Todas essas atividades eram desenvolvidas com a utilização do trabalho escravo ou servil. Esses elementos, conjugados, asseguravam as bases do processo de acumulação necessário para a expansão da indústria na Europa.

Todas essas mudanças, somadas à herança cultural e intelectual do século XVII, definiram o século XVIII como um período explosivo. Se no século anterior a **Revolução Inglesa** determinou novas formas de organização política, foi no XVIII que a **Revolução Americana** e a **Revolução Francesa** alteraram o quadro



político e social do Ocidente, servindo de exemplo e parâmetro para as revoluções posteriores.

As transformações na esfera da produção, a emergência de novas formas de organização política e a exigência da representação popular deram características muito específicas a esse século. Pensadores como Montesquieu (1689-1755), David Hume (1711-1776), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Adam Smith (1723-1790) e Immanuel Kant (1724-1804), entre outros, refletiram sobre a realidade, na tentativa de explicá-la.

No século XIX, outras transformações ocorreram, como a emergência de novas fontes energéticas (eletricidade e petróleo) e de novos ramos industriais (indústria pesada, ferrovias), além da alteração profunda nos processos produtivos, com a introdução de novas máquinas e equipamentos. No início desse século, depois de 300 anos de exploração colonialista por parte das nações europeias, iniciou-se, principalmente na América Latina, um processo intenso de luta pela independência. Foi um reflexo do que ocorreu na França e nos Estados Unidos.

É no século XIX, já com a consolidação do sistema capitalista na Europa, que se encontra a herança intelectual mais próxima da Sociologia como ciência particular. O pensamento de Adam Smith, Saint-Simon (1760-1825), Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1830), David Ricardo (1772-1823) e Charles Darwin (1809-1882), entre outros, foi a fonte para Aléxis de Tocqueville (1805-1859), Auguste Comte (1798-1857), Karl Marx (1818-1883) e Herbert Spencer (1820-1903) desenvolverem suas reflexões sobre a sociedade de seu tempo.

QUESTÕES

01. (...) grandes mudanças que ocorreram na história da humanidade, aquelas que aconteceram no século XVIII — e que se estenderam no século XIX — só foram superadas pelas grandes transformações do final do século XX. As mudanças provocadas pela revolução científico-tecnológica, que denominamos Revolução Industrial, marcaram profundamente a organização social, alterando-a por completo, criando novas formas de organização e causando modificações culturais duradouras, que perduram até os dias atuais.

DIAS, Reinaldo. Introdução à sociologia. São Paulo: Persons Prentice Hall, 2004, p. 124.

Percebe-se que as transformações ocorridas nas sociedades ocidentais permitiram a formação de relações sociais complexas. Nesse sentido, a Sociologia surgiu com o objetivo de compreender essas relações, explicando suas origens e consequências. Sobre o surgimento da

Sociologia e das mudanças históricas apontadas no texto, assinale a alternativa CORRETA.

- A grande mecanização das fábricas nas cidades possibilitou o desenvolvimento econômico da população rural por meio do aumento de empregos.
- A divisão social do trabalho foi minimizada com as novas tecnologias introduzidas pelas revoluções do século XVIII.
- A Sociologia foi uma resposta intelectual aos problemas sociais, que surgiram com a Revolução Industrial.
- O controle teológico da sociedade foi possível com o emprego sistemático da razão e do livre exame da realidade.
- As atividades rurais do período histórico, tratado no texto, foram o objeto de estudo que deu origem à Sociologia como ciência.

02. (UFU 2012) De um ponto de vista histórico, a Sociologia como disciplina científica surgiu ao longo do século XIX, como uma resposta acadêmica para os novos desafios da modernidade. Além das concepções advindas da Revolução Francesa e dos fortes impactos gerados pela Revolução Industrial na estrutura da sociedade, muitos outros processos também contribuíram para essa nova configuração da sociedade.

Em seu desenvolvimento ao longo do século XIX, a Sociologia esperava entender

- os grupos sociais e as causas da desintegração social vigente.
- como a Revolução Industrial encerrou a transição entre feudalismo e capitalismo, sem prejuízo da classe trabalhadora, pois foi beneficiada por esse processo.
- a subjetividade dos indivíduos nas pesquisas sociológicas, como uma disciplina científica com metodologia própria.
- a Revolução Francesa como um marco revolucionário que modificou o pensamento, apesar de manter as tradições aristocratas.

03. A respeito do contexto histórico de emergência da Sociologia, marque a alternativa correta.

- A crescente legitimidade científica do saber sociológico, produzido por autores como Auguste Comte e Émile Durkheim, deveu-se à sua forte crítica ao Iluminismo.
- A Sociologia consolidou-se, disciplinarmente, em resposta aos novos problemas e desafios desencadeados por transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, cujos marcos históricos principais foram a Revolução Industrial e a Revolução Francesa.
- Um dos principais legados do Iluminismo foi a crítica severa às concepções científicas da realidade social,

combinada com a reafirmação de princípios e interpretações de cunho religioso.

D) Herdeira direta das transformações sociais desencadeadas pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa, a Sociologia ignorou os métodos racionais de investigação em favor do conhecimento produzido pelo senso-comum.

04. (UEM 2011) Sobre a relação entre a revolução industrial e o surgimento da sociologia como ciência, assinale o que for correto.

01) A consolidação do modelo econômico baseado na indústria conduziu a uma grande concentração da população no ambiente urbano, o qual acabou se constituindo em laboratório para o trabalho de intelectuais interessados no estudo dos problemas que essa nova realidade social gerava.

02) A migração de grandes contingentes populacionais do campo para as cidades gerou uma série de problemas modernos, que passaram a demandar investigações visando à sua resolução ou minimização.

04) Os primeiros intelectuais interessados no estudo dos fenômenos provocados pela revolução industrial compartilhavam uma perspectiva positiva sobre os efeitos do desenvolvimento econômico baseado no modelo capitalista.

08) Os conflitos entre capital e trabalho, potencializados pela concentração dos operários nas fábricas, foram tema de pesquisa dos precursores da sociologia e continuam inspirando debates científicos relevantes na atualidade.

16) A necessidade de controle da força de trabalho fez com que as fábricas e indústrias do século XIX inserissem sociólogos em seus quadros profissionais, para atuarem no desenvolvimento de modelos de gestão mais eficientes e produtivos.

05. (UFU 2009) Sobre o surgimento da Sociologia e suas proposições acerca da explicação do mundo social, pode-se afirmar:

A) a Sociologia é uma manifestação do pensamento moderno e uma forma de conhecimento do mundo social, cujas explicações são fundadas nas descobertas das ciências naturais e físicas, por pressupor uma unidade entre sociedade e natureza e rejeitar o uso de leis gerais no conhecimento.

B) os pensadores fundadores da Sociologia concentraram seus esforços em interesses políticos e, portanto, práticos, face aos objetivos de contribuir para as transformações sociais e para a consolidação de uma nova ordem social diversa das sociedades feudal e capitalista.

C) a desagregação da sociedade feudal e a consolidação da sociedade capitalista, com o consequente processo de industrialização e urbanização em países da Europa,

contribuíram para o surgimento da Sociologia como forma de conhecimento das sociedades em extinção.

D) a Sociologia surgiu no século XIX, vinculada à sociedade moderna, no contexto das transformações econômicas e sociais e no bojo das mudanças nas formas de pensamento, influenciadas pelas revoluções burguesas do século, bem como pelos ideais iluministas.

06. (UEM 2010) “(...) Por um lado, a Sociologia nasceu na sociedade industrial; apareceu e adquiriu importância como consequência da industrialização. Mas, por outro lado, a ‘sociedade industrial’ é a filha mimada da Sociologia, seu próprio conceito pode ser considerado um produto da moderna ciência social.”

DAHRENDORF, Ralph. Sociologia e sociedade industrial. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977, p.118-119.

Considerando o fragmento de texto acima, a constituição da perspectiva sociológica e a análise da sociedade capitalista, assinale o que for **correto**.

01) A Sociologia tem por objetivo solucionar os problemas sociais resultantes da constituição da sociedade industrial, capitalista e moderna.

02) A Sociologia gerou mecanismos de compreensão da sociedade industrial que possibilitaram investigar as mudanças de posição social dos indivíduos.

04) O advento da sociedade industrial explicita o caráter mutável e histórico das relações sociais, que é enfatizado pela moderna ciência social da época.

08) A consolidação da sociedade industrial independe do desenvolvimento científico e da afirmação da ciência como ferramenta de interpretação do mundo.

16) No século XVIII, identificamos um processo de transformação social que foi propício ao surgimento da Sociologia como disciplina científica. Por seu turno, a Sociologia, ao interpretar essa época, terminou por criá-la.

07. (UEM 2011) Sobre os fatores relacionados ao surgimento da Sociologia, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

01) A Revolução Científica, iniciada no século XVI, ao propor a substituição da razão teológica pelo conhecimento derivado de evidências empiricamente observáveis, contribuiu para que a organização social deixasse de ser entendida como um dado natural ou desígnio divino e passasse a ser objeto de questionamentos.

02) A Sociologia surge no contexto das Revoluções Democráticas do século XVIII como um instrumento de recomposição da ordem monárquica abalada pela crítica à legitimidade teológica das lideranças políticas.

04) A Revolução Industrial acarretou uma série de problemas sociais, sendo a maioria decorrente da significativa concentração da população nas cidades ao redor das nascentes indústrias. A necessidade de compreensão dessa nova experiência urbana impulsionou decisivamente o surgimento da Sociologia.

08) A Reforma Protestante, com a crítica ao dogma católico e a defesa da razão técnica, favoreceu a proposição de uma ciência objetiva da sociedade.

16) As Revoluções Democráticas do século XVIII, ao questionarem as monarquias baseadas em princípios teocráticos, atribuíram aos homens a tarefa de construir sua própria ordem social, segundo seus anseios e necessidades. Com isso, favoreceram o surgimento de uma ciência da sociedade que teria a função de apontar caminhos para a resolução dos problemas sociais.

08. (UNICENTRO 2012) Considerando-se as grandes mudanças que ocorreram na história da humanidade, aquelas que aconteceram no século XVIII — e que se estenderam no século XIX — só foram superadas pelas grandes transformações do final do século XX. As mudanças provocadas pela revolução científico-tecnológica, que denominamos Revolução Industrial, marcaram profundamente a organização social, alterando-a por completo, criando novas formas de organização e causando modificações culturais duradouras, que perduram até os dias atuais.

DIAS, 2004, p. 15.

Sobre o surgimento da Sociologia e as mudanças ocorridas na modernidade, é correto afirmar:

- A) A intensificação da economia agrária em larga escala nas metrópoles gerou o êxodo para o campo.
- B) O aparecimento das fábricas e o seu desenvolvimento levou ao crescimento das cidades rurais.
- C) O aumento do trabalho humano nas fábricas ocasionou a diminuição da divisão do trabalho.
- D) A agricultura familiar desse período foi o objeto de estudo que fez surgir as ciências sociais.
- E) A antiga forma de ver o mundo não podia mais solucionar os novos problemas sociais.

09. (UNICENTRO 2015) Nos séculos XVIII e XIX, o mundo europeu passa por um período de transformações socioeconômicas e políticas provocadas pelos efeitos da Revolução Industrial e da Revolução Francesa. A emergência do Mundo Moderno também é marcada por uma revolução cultural e científica que expressa uma multiplicidade de correntes e pensamentos divergentes preocupados em compreender e explicar a originalidade dos fatos, acontecimentos e suas manifestações em diferentes sociedades.

Adaptado de: IANNI, O. A Sociologia e o Mundo Moderno. Tempo Social. (Revista de Sociologia da USP). 1989. n.1. v.1. p.7-27.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a emergência da Sociologia como Ciência, considere as afirmativas a seguir.

I. O pensamento científico e filosófico do século XVIII e do início do século XIX forma a base científica da Sociologia.

II. A Sociologia é resultado dos desafios e dilemas impostos pelo mundo moderno e pela sociedade industrial capitalista.

III. A Sociologia é herdeira das novas maneiras de pensar e explicar o mundo, fundadas na razão e no progresso.

IV. Em sua formação inicial, a Sociologia assume o conhecimento baseado nas percepções sensíveis sobre a sociedade.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

10. (UNICENTRO 2011) Uma série de mudanças políticas e econômicas ocorreu na Europa, a partir do fim da Idade Média. O quadro “A liberdade guiando o povo” (1830), de Eugène Delacroix, alude a um dos mais importantes acontecimentos decorrentes desse período na história europeia, a Revolução Francesa.



Sobre a ligação entre as mudanças referidas no texto e o surgimento da Sociologia, é correto afirmar:

- A) O desenvolvimento da indústria se opunha à formação do processo de instalação da sociedade moderna.
- B) A credibilidade da vida social, nas cidades, passa a ser buscada na coerência dos textos sagrados e na adoração religiosa.

C) A vida religiosa foi adquirindo cada vez mais importância, o que fez com que a história do cotidiano fosse concebida por um olhar sagrado.

D) A arte renascentista, ao apresentar a forte ligação entre Deus e os homens, expressou as transformações sociais de forma contundente.

E) O desenvolvimento tecnológico e a nova postura do homem ocidental decorrentes das transformações desse período histórico propiciaram o interesse pelo entendimento da vida social.

11. Surgida no momento de consolidação da sociedade capitalista, a Sociologia tinha uma importante tarefa a cumprir. Assinale a alternativa correta quanto a essa tarefa:

a) Desenvolver o puro espírito científico e investigativo, sem maiores preocupações de natureza prática, deixando a solução dos problemas sociais por conta dos homens de ação.

b) Incentivar o espírito crítico na sociedade e, dessa forma, colaborar para transformar radicalmente a ordem capitalista, responsável pela exploração dos trabalhadores.

c) Contribuir para a solução dos problemas sociais decorrentes da Revolução Industrial, tendo em vista a necessária estabilização da ordem social burguesa.

d) Tornar realidade o chamado “socialismo utópico”, visto como única alternativa para a superação das lutas de classe em que a sociedade capitalista estava mergulhada.

12. (UNICENTRO 2014) O impacto das mudanças provocadas pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa, encorajadas pelo Iluminismo, impulsionou o surgimento do modo sociológico de investigar e interpretar a realidade social. Em meados do século XIX, a sociologia emerge como campo delimitado do saber científico, sob a doutrina positivista, elaborada pelo pensador francês Augusto Comte (1798-1857).

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, os princípios básicos do pensamento comtiano.

a) Valorizar a diferenciação, via especialização, como fundamento básico para a formação do consenso, necessário para a coesão orgânica.

b) Explicar a vida social a partir do modo como os homens produzem socialmente sua existência por meio do trabalho e de seu papel enquanto agentes transformadores da sociedade.

c) Atribuir prioridade do todo sobre as partes; o progresso dos conhecimentos é característico da sociedade humana; o homem é o mesmo por toda parte e em todos os tempos.

d) Verificar a capacidade que teria o materialismo histórico de encontrar explicações adequadas à história

social, especialmente sobre as relações entre a estrutura e a superestrutura.

e) Substituir em toda parte o relativo pelo absoluto e explicar o fato social por intermédio de outro fato social, sem uso de analogias biológicas.

13. (UNICENTRO 2015) Com base nos conhecimentos sobre o surgimento da sociologia, assinale a alternativa correta.

a) Adere à tradição do conhecimento teológico e metafísico para compreender a sociedade industrial.

b) Explica as origens da vida com vistas ao retorno do estado de natureza como fator do desenvolvimento.

c) Organiza seu conhecimento a partir das explicações subjetivistas e individualistas.

d) Responde aos efeitos, às crises e às contradições provocadas pela emergência da sociedade capitalista.

e) Resiste aos princípios das correntes de pensamento positivistas e iluministas sobre o progresso.

1. POSITIVISMO

O positivismo representa um movimento composto de pensamento que dominou grande parte da cultura européia, em suas manifestações filosóficas, políticas, pedagógicas, historiográficas e literárias, de cerca de 1840 até quase 1914.

Passado o furacão de 1848, excetuando-se o conflito da Crimeia em 1854 e a guerra franco-prussiana de 1870, a era do positivismo foi época de paz substancial na Europa e, ao mesmo tempo, época da expansão colonial européia na África e na Ásia.

Dentro desse quadro político, a Europa consumou sua transformação industrial, e os efeitos dessa revolução sobre a vida social foram maciços:

1 - o emprego das descobertas científicas transformou todo o modo de produção;

2 - as grandes cidades se multiplicaram;

3 - cresceu de forma impressionante a rede de intercâmbios;

4 - rompeu-se o antigo equilíbrio entre a cidade e o campo;

5 - aumentaram a produção e a riqueza; a medicina debelou as doenças infecciosas, antigo e angustiante flagelo da humanidade.

Em poucas palavras, a Revolução Industrial mudou radicalmente o modo de vida. E os entusiasmos se cristalizaram em torno da ideia de *progresso humano e social* irrefreável, já que, de agora em diante, possuíam-se os instrumentos para a solução de *todos* os problemas.

Para o pensamento da época, esses instrumentos eram sobretudo a ciência e suas aplicações na indústria, bem como no livre intercâmbio e na educação.

Além disso, no que se refere à ciência, deve-se dizer que, no período que vai de 1830 a 1890, frequentemente se entrelaçando com o desenvolvimento da indústria (num entrelaçamento que não foi unilateral), a ciência registrou muitos passos adiante em seus setores mais importantes: na matemática, entre outros, temos as contribuições de Cauchy, Weierstrass, Dedekind e Cantor; na geometria, as de Riemann, Bolyai, Lobacevskij e Klein; a física apresenta os resultados das pesquisas de Faraday sobre a eletricidade, e de Maxwell e Hertz sobre o eletromagnetismo; ainda na física, temos os trabalhos fundamentais de Mayer, Helmholtz, Joule, Clausius e Thomson sobre a termodinâmica; o saber químico é desenvolvido por Berzelius, Mendelejev e von Liebig, entre outros; Koch, Pasteur e seus discípulos desenvolvem a microbiologia, obtendo feitos estrondosos; Bernard constrói a fisiologia e a medicina experimental.

Além disso, é a época da teoria evolucionista de Darwin. E os projetos tecnológicos encontram seu símbolo na Torre Eiffel de Paris e na abertura do canal de Suez.

Substantial estabilidade política, o processo de industrialização e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia constituem os pilares do meio sociocultural que o positivismo interpreta, exalta e favorece.



É bem verdade que os grandes males da sociedade industrial não tardarão a se fazer sentir (desequilíbrios sociais, lutas pela conquista de mercados, condição de miséria do proletariado, exploração do trabalho do menor etc.).

Esses males serão diagnosticados pelo marxismo em direção diferente da interpretação do positivismo que, embora não ignorando de modo nenhum tais males, pensava que eles logo desapareceriam, como fenômenos transitórios elimináveis pelo crescimento do saber, da educação popular e da riqueza.

Pontos centrais do positivismo

Os representantes mais significativos do positivismo são Auguste Comte (1798-1857), na França; John Stuart Mill (1806-1873) e Herbert Spencer (1820-1903), na Inglaterra.



O positivismo, portanto, situa-se em tradições culturais diferentes: na França, inseriu-se no racionalismo, que vai de Descartes ao Iluminismo; na Inglaterra, ele se desenvolveu inserindo-se na tradição empirista e utilitarista, entrelaçando-se, em seguida, com a teoria darwiniana da evolução.

Apesar de tais diversificações, o positivismo apresenta traços comuns que nos permitem sua identificação como movimento de pensamento.

1) Diversamente do idealismo, o positivismo reivindica o **primado da ciência**: nós conhecemos somente aquilo que as ciências nos dão a conhecer, pois **o único método de conhecimento é o das ciências naturais**.

2) O método das ciências naturais (identificação das *leis causais* e seu domínio sobre os *fatos* não vale somente para o estudo da natureza, mas também para o estudo da sociedade.

3) Por isso, entendida como ciência dos “fatos naturais” que são as relações humanas e sociais, a sociologia é fruto qualificado do programa filosófico positivista.

4) O positivismo não apenas afirma a unidade do método científico e o primado desse método como instrumento cognoscitivo, mas também exalta a ciência como o único meio em condições de resolver, ao longo do tempo, *todos* os problemas humanos e sociais que até então haviam atormentado a humanidade.

5) Consequentemente, a era do positivismo é uma época perpassada por otimismo geral, que brota da certeza de progresso irrefreável (por vezes concebido como fruto da engenhosidade e do trabalho humano e, por vezes, ao contrário, visto como necessário e automático) rumo a condições de bem-estar generalizado

em uma sociedade pacífica e penetrada pela solidariedade humana.

6) O fato de que a ciência seja proposta pelos positivistas como o único fundamento sólido da vida dos indivíduos e da vida associada, deveria ser considerada como a garantia absoluta do destino progressista da humanidade, e de o positivismo se pronunciar pela “divindade” do *fato*, induziu alguns estudiosos a interpretar o positivismo como parte integrante da mentalidade romântica. Somente que, no caso do positivismo, seria exatamente a ciência a ser infinitizada. Assim, por exemplo, o positivismo de Comte, contém uma construção oníbranca de filosofia da história, que se consuma em visão messiânica.

7) Essa interpretação, porém, não impediu que intérpretes vissem no positivismo temas fundamentais tomados da tradição iluminista, como a tendência de considerar os fatos empíricos como a única base do verdadeiro conhecimento, a fé na racionalidade científica como solução dos problemas da humanidade, ou ainda a concepção leiga da cultura, entendida como construção puramente humana, sem dependências em relação a pressupostos e teorias teológicas.

8) Sempre em linha geral, o positivismo (neste caso, John Stuart Mill é exceção) caracteriza-se pela confiança acrítica e, amiúde, leviana e superficial, na estabilidade e no crescimento sem obstáculos da ciência. Essa confiança acrítica na ciência chegou a se tornar fenômeno de costume.

9) A “positividade” da ciência leva a mentalidade positivista a combater as concepções idealistas e espiritualistas da realidade, concepções que os positivistas rotulavam como metafísicas, embora mais tarde tenham caído em metafísicas igualmente dogmáticas.

10) A confiança na ciência e na racionalidade humana, em suma, os traços iluministas do positivismo induziram alguns marxistas a considerarem insuficiente e até reducionista a usual interpretação marxista, que só vê no positivismo a ideologia da burguesia da segunda metade do século XIX.

QUESTÕES

01. (UNICENTRO 2010) “O nome “positivismo” tem sua origem no adjetivo “positivo”, que significa certo, seguro, definitivo. Como escola filosófica, derivou do “cientificismo”, isto é, da crença no poder dominante e absoluto da razão humana em conhecer a realidade e traduzi-la sob a forma de leis que seriam a base da regulamentação da vida do homem, da natureza e do próprio universo. Com esse conhecimento pretendia-se substituir as explicações teológicas, filosóficas e de senso

comum por meio das quais - até então - o homem explicaria a realidade e a sua participação nela”

COSTA, Cristina. Sociologia: introdução a ciência da sociedade. São Paulo, 2005, p.72.

Sobre o positivismo assinale a alternativa correta.

- A) O positivismo, teoria criada por Auguste Comte, pregava a cientificação do pensamento e do estudo humano, visando à obtenção de resultados claros, objetivos e completamente correto.
- B) O positivismo não derivou de nenhum método de investigação das ciências da natureza e sim criou o seu próprio método investigativo.
- C) O positivismo foi uma teoria criada por Émile Durkheim para explicar os fatos sociais.
- D) O positivismo baseava suas explicações nas explicações teológicas, filosóficas e de senso comum.
- E) O positivismo não busca a certeza de nada e se baseia em explicações abstratas.

02. (UEM 2011) Sobre o positivismo, corrente teórica pioneira na sistematização do pensamento sociológico, assinale o que for **correto**.

- 01) Apesar de reconhecer as diferenças entre fenômenos do mundo físico e do mundo social, o positivismo busca no método das ciências da natureza a orientação básica para legitimar a sociologia.
- 02) O positivismo enfatiza a coesão e a harmonia entre os indivíduos como solução de conflitos, para alcançar o progresso social.
- 04) O positivismo endereça uma contundente crítica à sociedade europeia do século XIX, sobretudo em razão das desigualdades sociais oriundas da consolidação do capitalismo.
- 08) O positivismo utiliza recorrentemente a metáfora organicista para se referir à sociedade como um todo constituído de partes integradas e coesas, funcionando harmonicamente, segundo uma lógica física ou mecânica.
- 16) O positivismo defende uma concepção evolucionista da história social, segundo a qual o estágio mais avançado seria dominado pela razão técnico-científica.

03. (UEL 2011) O positivismo foi uma das grandes correntes de pensamento social, destacando-se, entre seus principais teóricos, Augusto Comte e Émile Durkheim.

Sobre a concepção de conhecimento científico, presente no positivismo do século XIX, é correto afirmar:

- a) A busca de leis universais só pode ser empreendida no interior das ciências naturais, razão pela qual o conhecimento sobre o mundo dos homens não é científico.
- b) Os fatos sociais fogem à possibilidade de constituírem objeto do conhecimento científico, haja vista sua

incompatibilidade com os princípios gerais de objetividade do conhecimento e a neutralidade científica.

c) Aprender a sociedade como um grande organismo, a exemplo do que fazia o materialismo histórico, é rejeitado como fonte de influência e orientação para as investigações empreendidas no âmbito das ciências sociais.

d) A ciência social tem como função organizar e racionalizar a vida coletiva, o que demanda a necessidade de entender suas regras de funcionamento e suas instituições forjadas historicamente.

e) O papel do cientista social é intervir na construção do objeto, aportando à compreensão da sociedade os valores por ele assimilados durante o processo de socialização obtido no seio familiar.

04. Sobre o positivismo, como uma das formas de pensamento social, podemos afirmar que

I. é a primeira corrente teórica do pensamento sociológico preocupada em definir o objeto, estabelecer conceitos e definir uma metodologia.

II. derivou-se da crença no poder absoluto e exclusivo da razão humana em conhecer a realidade e traduzi-la sob a forma de leis naturais.

III. foi um pensamento predominante na Alemanha, no século XIX, nascido principalmente de correntes filosóficas da Ilustração.

IV. nele, a sociedade foi concebida como um organismo constituído de partes integradas e coisas que funcionam harmoniosamente, segundo um modelo físico ou mecânico.

a) II, III e IV estão corretas.

b) I, II e III estão corretas.

c) I, II e IV estão corretas.

d) I e III estão corretas.

e) Todas as afirmativas estão corretas.

05. Sobre o positivismo, corrente teórica pioneira na sistematização do pensamento sociológico, assinale o que for correto.

01) Apesar de reconhecer as diferenças entre fenômenos do mundo físico e do mundo social, o positivismo busca no método das ciências da natureza a orientação básica para legitimar a sociologia.

02) O positivismo enfatiza a coesão e a harmonia entre os indivíduos como solução de conflitos, para alcançar o progresso social.

04) O positivismo endereça uma contundente crítica à sociedade europeia do século XIX, sobretudo em razão das desigualdades sociais oriundas da consolidação do capitalismo.

08) O positivismo utiliza recorrentemente a metáfora organicista para se referir à sociedade como um todo

constituído de partes integradas e coesas, funcionando harmonicamente, segundo uma lógica física ou mecânica.

16) O positivismo defende uma concepção evolucionista da história social, segundo a qual o estágio mais avançado seria dominado pela razão técnico-científica.

06. Sobre o positivismo, é incorreto afirmar:

a) Os positivistas buscaram analisar a vida social, constituindo o objeto de estudo, métodos e conceitos, procurando chegar à mesma objetividade alcançada pelas ciências naturais.

b) O positivismo inspirava-se no método de investigação das ciências da natureza e procuravam identificar, na vida social, as mesmas relações e princípios com os quais os cientistas explicavam a vida natural.

c) Os princípios do evolucionismo e do organicismo aplicados à vida social foram amplamente criticados e recusados pelos positivistas, pois ignoravam as particularidades das diversas sociedades.

d) A evolução dos conhecimentos das ciências naturais – física, química e biologia – e o sucesso das suas descobertas, principalmente no século XIX, atraíram os primeiros cientistas para o seu método de investigação.

07. (UNICENTRO 2012) Sobre o positivismo, é correto afirmar que é uma doutrina

A) do século II a.C.

B) que acolhe os postulados socráticos.

C) que privilegia o estudo metafísico da natureza.

D) que não decorreu do desenvolvimento das ciências modernas.

E) nascida no ambiente cientificista nos finais do século XVIII e início do século XIX.

08. (UEM 2012) “Ao criticar o mito e exaltar a ciência, contraditoriamente o positivismo fez nascer o *mito do cientificismo*, ou seja, a crença cega na ciência como única forma de saber possível. Desse modo, o positivismo mostra-se reducionista, já que, bem sabemos, a ciência não é a única interpretação válida do real. De fato, existem outros modos de compreensão, como o senso comum, a filosofia, a arte, a religião, e nenhuma delas exclui o fato de o mito estar na raiz da inteligibilidade. A função fabuladora persiste não só nos contos populares, no folclore, mas também na vida diária, quando proferimos certas palavras ricas de ressonâncias míticas – casa, lar, amor, pai, mãe, paz, liberdade, morte – cuja definição objetiva não esgota os significados que ultrapassam os limites da própria subjetividade.”

(ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando*: introdução à filosofia. 4ª. ed. rev. São Paulo: Moderna, 2009, p. 32)

A partir do trecho citado, assinale o que for **correto**.

01) Ao contrário da ciência, o senso comum, a religião e a filosofia refletem uma imagem incompleta e precária do real.

02) O mito do cientificismo é a aplicação do rigor formal do método científico à dança, à música e a diversas outras formas de expressão popular.

04) O positivismo utiliza o inconsciente e o mito como forma de expressão do mundo.

08) Explicações de caráter mítico, apesar de pertencerem ao período antigo, sobrevivem na modernidade.

16) A função fabuladora recupera aspectos do mito que se distinguem da razão e do método científico.

09. (UEM 2014) “Para explicar convenientemente a verdadeira natureza e o caráter próprio da filosofia positiva, é indispensável ter, de início, uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano, considerado em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história. [...] Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume de agora em diante na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir.”

(COMTE, Augusto. Curso de Filosofia Positiva. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 2005, p. 2223).

A partir do trecho citado, assinale o que for correto.

01) Para o positivismo, é uma impossibilidade conhecer noções absolutas, a origem e o destino do universo, bem como as causas mais íntimas dos fenômenos.

02) O positivismo postula uma atitude de investigação baseada nas experiências individuais para formular noções absolutas.

04) Para o positivismo, o conhecimento humano perfaz um movimento de progressos e de avanços ao longo da história.

08) Segundo o positivismo, o progresso da ciência diminui o conhecimento possível dos fenômenos.

16) Para o positivismo, a utilização adequada do raciocínio e da observação dos fenômenos permite conhecer as semelhanças e as relações causais entre eles (os fenômenos).

2. SAINT-SIMON



Claude Henri de Saint-Simon (1760-1825) é um pensador que conseguiu focalizar sobre si a atenção de muitos estudiosos contemporâneos e também dos pósteros pelo fato de, antes de qualquer outro, ter sido o primeiro a perceber a transformação da sociedade

em sociedade industrial, identificando alguns daqueles grandes problemas sobre os quais debruçar-se-iam não somente os positivistas, mas principalmente Marx e seus seguidores.

O primeiro escrito de Saint-Simon, de 1802, são as *Cartas de um habitante de Genebra a seus contemporâneos*; em 1814, em colaboração com Augustin Thierry, publicou a *Reorganização da sociedade européia*; sua obra mais importante, *A indústria*, é de 1817; *O novo cristianismo* é de 1825. Auguste Comte foi seu secretário e colaborador de 1818 a 1824, ano em que houve o rompimento entre os dois.

A ideia de fundo de Saint-Simon (ideia destinada a maiores e diversos desdobramentos) é a de que a história é regida por lei de *progresso*. Mas tal progresso não é linear, enquanto a história humana é alternância de períodos orgânicos e períodos críticos.

As épocas orgânicas baseiam-se em um conjunto de princípios bem sólidos, crescendo e operando em seu interior. Mas ocorre que, em dado momento, o desenvolvimento da sociedade (nas ideias, nos valores, na técnica etc.) invalida os princípios sobre os quais ela antes se baseava. Temos então o que Saint-Simon chama de “épocas críticas”. Assim como o monoteísmo punha em crise a época orgânica do politeísmo, a Reforma e depois a Revolução Francesa, e especialmente o desenvolvimento da ciência, puseram em crise a época orgânica da Idade Média.

A era da filosofia positiva

Não se trata, no entanto, de andar para trás. O que é necessário é ir adiante, em direção a uma nova época orgânica, ordenada pelo princípio da *ciência positiva*.

Segundo Saint-Simon, o progresso científico teria assim destruído aquelas doutrinas teológicas e aquelas ideias metafísicas que serviam de fundamento para a época orgânica da Idade Média.

Agora, o mundo dos homens só poderia ser reorganizado e ordenado com base na ciência positiva. Nessa nova época orgânica, o *poder espiritual* será dos homens de ciência, “que podem predizer o maior número

de coisas”, ao passo que o *poder temporal* pertencerá aos industriais, vale dizer, “aos empreendedores de trabalhos pacíficos, que ocuparão o maior número de indivíduos”.

Tudo isso para dizer que a afirmação do industrialismo torna impossível o poder teocrático feudal da Idade Média, onde a hierarquia eclesiástica detinha o poder espiritual, e o poder temporal estava nas mãos dos guerreiros.

Na era nova, os eclesiásticos são substituídos pelos cientistas, e os guerreiros pelos industriais. Com efeito, a ciência e a tecnologia estão hoje em condições de resolver os problemas humanos e sociais.

Escreve Saint-Simon que os homens só podem ser felizes “satisfazendo suas necessidades físicas e suas necessidades morais”.

E esse é exatamente o fim ao qual tendem “as ciências, as belas-artes e os ofícios”. Fora disso só existem “Os parasitas e os dominadores”.

Para ilustrar a necessidade de que o poder político passasse para as mãos dos técnicos, cientistas e produtores, Saint-Simon apresentou uma conhecida parábola: se a França perdesse os três mil indivíduos que exercem os cargos políticos, religiosos e administrativos mais importantes, o Estado não sofreria nenhum prejuízo, e tais pessoas seriam facilmente substituídas; mas, observa Saint-Simon, se a França perdesse os seus três mil mais capazes cientistas, artistas e artesãos, ela cairia logo em estado de inferioridade diante das nações de que agora é rival, e continuaria permanecendo subalterna em relação a elas enquanto não reparasse a perda e não reerguesse a cabeça.

Assim, o princípio ordenador da nova sociedade é o pensamento positivo: esse princípio eliminara os três principais inconvenientes do sistema político vigente, isto é, o arbítrio, a incapacidade e a intriga.

O progresso em direção à nova época orgânica, dominada pela filosofia positiva, é progresso inevitável. Em seu último escrito, o *Novo cristianismo*, Saint-Simon delineia o advento da futura sociedade como retorno ao cristianismo primitivo. Será sociedade na qual a ciência constituirá o meio para alcançar aquela fraternidade universal que Deus deu aos homens como regra de sua conduta.

A difusão do pensamento de Saint-Simon

Na França, a doutrina de Saint-Simon teve razoável difusão. Ela deu dignidade filosófica ao problema social; contribuiu para tornar mais viva a consciência da importância social da ciência e da técnica; exaltou a atividade industrial e bancária; a ideia dos canais de Suez e do Panamá é dos seguidores de seus ideais.

Saint-Simon e seus discípulos desenvolveram firme campanha contra o parasitismo e a injustiça; e, para favorecer a justiça, insistiram na ideia de eliminar a propriedade privada, revogar o direito de herança (de modo a abolir “o acaso do nascimento”), planejar a economia, tanto agrária como industrial.

Para Saint-Simon, o critério supremo que deveria informar a ação do Estado devia ser o seguinte: de cada qual segundo sua capacidade, a cada qual segundo suas obras. A primeira norma deveria ser a da produção, a segunda a regra da distribuição.

3. AUGUSTO COMTE



Augusto Comte (1798-1857) foi o fundador do positivismo francês. Nasceu em Montpellier de família modesta, católica e monárquica, foi discípulo e secretário (e, depois, decidido antagonista) de Saint-Simon, aluno da famosa Ecole Polytechnique. Teve suficiente familiaridade com a matemática. Foi leitor dos empiristas ingleses, de Diderot, d'Alembert, Turgot e Condorcet.

Foi o pai oficial da sociologia e, em certos aspectos, o expoente mais representativo da orientação do pensamento positivista em seu conjunto.

Em seu itinerário intelectual e moral Comte escreve: “Ainda aos 14 anos eu já sentia a necessidade fundamental de uma reestruturação universal, política e filosófica ao mesmo tempo, sob o impulso de salutar crise revolucionária, cuja fase principal precedera meu nascimento. A influência luminosa de uma iniciação matemática recebida na família, desenvolvida felizmente na Ecole Polytechnique, fez-me instintivamente pressentir a única via intelectual que podia realmente conduzir a essa grande renovação”. E acrescenta que em 1822 ele via claro seu projeto filosófico “sob a inspiração constante de minha grande lei relativa ao conjunto da evolução humana, individual e coletiva”: a **lei dos três estágios**.

Trata-se da lei segundo a qual a humanidade, conforme a psique de cada homem, passa por três estágios:

- a) o teológico;
- b) o metafísico;
- c) o positivo.

Escreveu Comte no Curso de filosofia positivista (1830-1842): “Estudando o desenvolvimento da

inteligência humana [...] desde sua primeira manifestação até hoje, creio ter descoberto uma grande lei fundamental [...]. Esta lei consiste no seguinte: cada uma de nossas concepções principais e cada ramo de nossos conhecimentos passam necessariamente por três estágios teóricos diferentes: o estágio teológico ou fictício, o estágio metafísico ou abstrato e o estágio científico ou positivo [...]. Daí três tipos de filosofia ou de sistemas conceituais gerais sobre o conjunto dos fenômenos, que se excluem reciprocamente. O primeiro é um ponto de partida necessário da inteligência humana; o terceiro é seu estado fixo e definitivo; o segundo destina-se unicamente a servir como etapa de transição”.

a) No **estágio teológico**, os fenômenos são vistos como “produtos da ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos”;

b) no **estágio metafísico**, são explicados em função de essências, ideias ou forças abstratas (os corpos se uniriam graças à “simpatia”; as plantas cresceriam em virtude da presença da “alma vegetativa”; o ópio, adormece porque possui a “virtude soporífera”);

c) mas é somente no “**estágio positivo** que o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter conhecimentos absolutos, renuncia a perguntar qual é sua origem, qual o destino do universo e quais as causas íntimas dos fenômenos para procurar somente descobrir, com o uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, isto é, suas relações invariáveis de sucessão e de semelhança”.

Esse estágio é aquele em que o espírito renuncia a procurar os fins últimos e a responder aos últimos “por quês”. A noção de causa (transposição abusiva de nossa experiência interior do querer para a natureza) é por ele substituída pela noção de lei. Temos que nos contentar em descrever como os fatos se passam, em descobrir as leis (exprimíveis em linguagem matemática) segundo as quais os fenômenos se encadeiam uns nos outros.

Tal concepção do saber desemboca diretamente na técnica: o conhecimento das leis positivas da natureza nos permite, com efeito, quando um fenômeno é dado, prever o fenômeno que se seguirá e, eventualmente agindo sobre o primeiro, transformar o segundo. O lema era “*conhecer para prever, prever para prover*”.

É essa, portanto, a lei dos três estágios, o conceito-chave da filosofia de Comte. Lei que encontraria confirmação tanto no desenvolvimento da vida dos indivíduos (todo homem é teólogo na sua infância, é metafísico em sua juventude e é físico em sua maturidade), como na história humana.

Até sem conhecer Vico nem Hegel, Comte constrói com sua lei dos três estágios uma grandiosa filosofia da história, que se apresenta como o esquema de toda a evolução da humanidade.

A doutrina da ciência

Agora, portanto, estamos no estágio positivo. Os métodos teológicos e metafísicos não são mais empregados por ninguém, exceto no campo dos fenômenos sociais, observa amargamente Comte no *Curso de filosofia positiva*, “embora sua insuficiência a esse respeito já seja plenamente sentida por todos os espíritos um pouco evoluídos”.

Eis, portanto, salienta Comte, “a grande e única lacuna que se trata de preencher para construir a filosofia positiva”. A filosofia positiva, portanto, deve submeter a sociedade a rigorosa pesquisa científica, já que somente uma sociologia científica pode “ser considerada como a única base sólida para a reorganização social, que deve encerrar o estado de crise em que se encontram há longo tempo as nações mais civilizadas”.

Não se podem resolver crises sociais e políticas senão devido ao conhecimento dos fatos sociais e políticos. E é por essa razão que Comte vê como tarefa extremamente urgente a do desenvolvimento da *física social*, vale dizer, da sociologia científica.

Desse modo, a nova ciência espelhava-se na metodologia de investigação das ciências da natureza, até mesmo porque, segundo Comte, as leis do desenvolvimento da humanidade são como as leis naturais e o cientista social deve investigar o homem em sociedade da mesma forma que o cientista natural investiga a natureza, com distanciamento e neutralidade.

Segundo Comte, as ciências, no decurso da história, não se tornaram “positivas” na mesma data, mas numa certa ordem de sucessão que corresponde à célebre classificação: matemáticas, astronomia, física, química, biologia, sociologia. Das matemáticas à sociologia a ordem é a do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto e de uma proximidade crescente em relação ao homem. Assim, no topo da pirâmide das ciências estaria a sociologia, a qual foi denominada por Auguste Comte como a “física social”. Todo ser humano deveria ter conhecimento dessa disciplina tão importante para o desenvolvimento da sociedade.

Mas, antes de mais nada, em que consiste a ciência para Comte? Na opinião dele, o objetivo da ciência está na *pesquisa das leis*, já que só o conhecimento das leis dos fenômenos, cujo resultado constante é o de fazer com que possamos prevê-los, evidentemente, pode nos levar, na vida ativa, a modificá-los em nosso benefício.

A lei é necessária para prever, e a previsão é necessária para a ação do homem sobre a natureza. Afirma Comte: “Em suma, ciência, logo previsão; previsão, logo ação: essa é a fórmula simples que expressa

de modo exato a relação geral entre a ciência e a arte, tomando esses dois termos em sua acepção total”.

Na trilha de Bacon e Descartes, Comte pensa que a ciência é que deve fornecer ao homem o domínio sobre a natureza. E, no entanto, ele não é em absoluto de opinião que a ciência, essencialmente e por sua natureza, esteja voltada para os problemas práticos.

Comte é claro sobre a natureza teórica dos conhecimentos científicos, que ele se apressa a distinguir claramente dos conhecimentos técnico-práticos. Mas Comte também não é empirista de tipo antigo, que cuida somente dos dados de fato e exclui as teorias.

No Curso de filosofia positiva, podemos ler: “Nós reconhecemos que a verdadeira ciência [...] consiste essencialmente de leis e não mais de fatos, embora estes sejam indispensáveis para o seu estabelecimento e sua sanção”.

A pura erudição consiste em fatos sem lei; a verdadeira ciência consiste em leis controladas com base nos fatos. E esse controle com base nos fatos exclui da ciência toda busca de essências e causas últimas metafísicas.

Essas ideias de Comte sobre a doutrina da ciência influenciaram o pensamento posterior em virtude de sua clareza e validade.

De qualquer modo, porém, já em alguns trechos do Curso de filosofia positiva e depois, sobretudo, no Sistema de política positiva (1851-1854), Comte enrijece sua imagem de ciência, quase a ponto de absolutizá-la: condena pesquisas especializadas, inclusive experimentais, o uso excessivo do cálculo e qualquer pesquisa científica cuja utilidade não seja evidente. Por isso, em sua opinião, deve-se confiar a ciência não aos cientistas, mas aos “verdadeiros filósofos”, ou seja, a todos os que estio “dignamente dedicados ao sacerdócio da humanidade”.

O desenvolvimento posterior das ciências desmentiu essas ideias de Comte. Além disso, um conhecimento que hoje parece infértil pode se tornar necessário amanhã. Entretanto, no sistema de Comte, um saber estável e bloqueado está em função de uma ordem social estável.

A sociologia como física social

Para passar de uma sociedade em crise para a “ordem social”, há necessidade de saber.

O conhecimento é feito de leis provadas com base nos fatos. Desse modo, é preciso encontrar as leis da sociedade se quisermos resolver suas crises e prever o desenvolvimento futuro da convivência social. Portanto, para a sociologia, através do raciocínio e da observação, é possível estabelecer as leis dos fenômenos sociais, como

a física pode estabelecer as leis que guiam os fenômenos físicos.

Comte entendia a Física Social como “a ciência que tem por objeto próprio o estudo dos fenômenos sociais, considerados com o mesmo espírito que os fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos, isto é, como submetidos a leis naturais invariáveis, cuja descoberta é o objetivo especial de suas pesquisas”.



Comte divide a sociologia, ou física social, em:

- a) estática social;
- b) dinâmica social.

a) A estética social estuda as condições de existência comuns a todas as sociedades em todos os tempos. Tais condições são a sociabilidade fundamental do homem, o núcleo familiar e a divisão do trabalho, que se concilia com “a cooperação dos esforços”.

A lei fundamental da estática social é a conexão entre os diversos aspectos da vida social, de modo que, por exemplo, uma constituição política não é independente de fatores como o econômico e o cultural.

b) Por seu turno, a dinâmica social consiste no estudo das leis de desenvolvimento da sociedade. Sua lei fundamental é a dos três estágios. Também o progresso social segue essa lei. Ao estágio teológico corresponde a supremacia do poder militar (é o caso do feudalismo); ao estágio metafísico, corresponde a revolução (que começa com a Reforma protestante e termina com a Revolução Francesa); ao estágio positivo, corresponde a sociedade industrial.

Mas através de que caminhos podemos conhecer as leis da sociedade? Na opinião de Comte, os caminhos para alcançar o conhecimento sociológico são a observação, o experimento e o método comparativo.

A observação dos fatos sociais é observação direta e enquadrada na teoria, isto é, na teoria dos três estágios. Em sociologia o experimento não é tão simples como em física ou em química, já que não se pode mudar as sociedades à vontade; entretanto, da mesma forma que em biologia, também na sociologia os casos patológicos, alterando o nexos normal dos acontecimentos, substituem de certo modo o experimento. O método comparativo estuda as analogias e as diferenças entre as diversas

sociedades, nos seus respectivos estágios de desenvolvimento.

Segundo Comte, é o método histórico que constitui “a única base fundamental sobre a qual pode realmente se basear o sistema da lógica política”.

Objeto de estudo da Sociologia

O objeto de Estudo da sociologia são os problemas sociais. Ela surgiu da busca por soluções racionais, científicas, de acordo com a pretensão de Augusto Comte, para os problemas sociais provocados pela Revolução Industrial e pela decomposição da ordem social aristocrática na França do início do século XIX.

O problema da falta de moradia urbana, por exemplo, pode ser considerado um problema social por ter consequências sociais.



No entanto, a realidade que nos circunda é complexa. Nesse caso, para estudar os fenômenos sociais é necessário classificá-los, como assinalou René Descartes em sua obra *Discurso do Método*: “para compreender e resolver um problema é necessário, antes de mais nada, dividi-lo em tantas parcelas quantas pudessem ser e fossem exigidas”.

A classificação das ciências

A sociologia, cuja construção é tarefa urgente da filosofia política, coloca-se no vértice do ordenamento das ciências. A partir de sua plataforma matemática, as ciências positivas são hierarquizadas segundo um grau decrescente de generalidade e crescente de complicação: astronomia, física, química, biologia e sociologia.

Nesse esquema não estão abrangidas a teologia, a metafísica e a moral, pois as duas primeiras não são ciências positivas, ao passo que a terceira é abrangida pela sociologia.

A psicologia, também excluída da relação, é reduzida por Comte em parte à biologia e em parte à sociologia. Também a matemática não figura na relação, mas o primeiro volume do *Curso de filosofia positiva* é todo

dedicado à matemática, que, de Descartes e Newton para cá, é a verdadeira base fundamental de toda a filosofia natural, isto é, de todas as ciências, no sentido de que ela é a imensa e admirável extensão da lógica natural a certa ordem de deduções.

Comte pretende que a ordem das ciências por ele proposta seja simultaneamente ordem lógica, histórica e pedagógica.

A ordem lógica é dada pelo critério da simplicidade do objeto: primeiro vêm as ciências, que, em sua opinião, tem objeto mais simples; depois, caminha-se pouco a pouco até a sociologia, que teria o objeto mais complexo.

A ordem histórica pode ser identificada na passagem de cada uma das ciências ao estado positivo: a astronomia saiu da metafísica com Copérnico, Kepler e Galileu; a física alcançou o estado positivo graças às obras de Huygens, Pascal, Papin e Newton; a química saiu de seu limbo metafísico com Lavoisier; a biologia, com Bichat e Blainville.

Resta a sociologia, que, como ciência positiva, ainda se encontra no estado programático. E Comte, precisamente, esforçou-se por realizar esse programa. A ordem pedagógica é dada pelo fato de que se deveria ensinar as ciências na mesma ordem de sua gênese histórica.

Na hierarquia de Comte, as ciências mais complexas pressupõem as menos complexas: a sociologia pressupõe a biologia, que pressupõe a física. Entretanto, isso não significa que as ciências superiores sejam redutíveis às inferiores. Cada qual tem sua autonomia, suas leis autônomas. E a sociologia, portanto, não pode se reduzir à biologia nem a psicologia. A sociedade tem realidade natural e originária. Os homens vivem em sociedade porque isso integra sua natureza social. Os homens são sociáveis desde o início, não havendo necessidade de nenhum “contrato social” para associá-los, como queria Rousseau.

Ainda um ponto muito importante. A filosofia não é nomeada na classificação das ciências de Comte. Qual é, então, o lugar da filosofia no pensamento de Comte?

Para Comte, a filosofia não é o conjunto de todas as ciências. Ele vê a função da filosofia em “determinar exatamente o espírito de cada uma delas, em descobrir suas relações e conexões e em resumir, se possível, todos os seus princípios próprios em número mínimo de princípios comuns, em conformidade com o método positivo”.

A filosofia, portanto, se reduz a metodologia das ciências; ela, escreve Comte, “é o único e verdadeiro meio racional para evidenciar as leis lógicas do espírito humano”.

Sociedade e capitalismo

Como positivista ele acreditava que a ciência deveria ser utilizada para organizar a ordem social. Na visão dele, naquela época, a sociedade estava em desordem, orientada pelo caos.

A obra de Comte está permeada pelos acontecimentos que marcaram a França pós-revolucionária. Para ele, essa desordem e anarquia imperavam por causa da confusão de princípios (teológicos e metafísicos) que não davam conta mais de explicar a nova **sociedade industrial** em expansão.

Devemos considerar que Comte vislumbrava o mundo moderno que surgia, isto é, um mundo cada vez mais influenciado pela ciência e pela consolidação da indústria, e a crise gerada por uma certa anarquia moral e política quando da transição do sistema feudal (baseado nas atividades agrárias, na hierarquia, no patriarcalismo) para o sistema capitalista (baseado na indústria, no comércio, na urbanização, na exploração do trabalhador). Era essa positividade (instaurar a disciplina e a ordem) que ele queria para a Sociologia.

Assim sendo, quando Comte pensava a Sociologia, era como se fosse uma “criança” sendo gestada, na qual colocava toda sua crença de que poderia estudar e entender os problemas sociais que surgiam e reestabelecer a ordem social e o progresso da civilização moderna.

Ele queria que a Sociologia estudasse de forma aprofundada os movimentos das sociedades no passado para se entender o presente e, inclusive, para imaginar o futuro da sociedade.

Comte via a consolidação do sistema capitalista como sendo algo necessário ao desenvolvimento das sociedades. Esse novo sistema, bem como o abandono da teologia para explicação do mundo seriam parte do progresso das civilizações.

Já os problemas sociais ou desordens que surgiam eram considerados obstáculos que deveriam ser resolvidos para que o curso do progresso pudesse continuar. Portanto, a Sociologia se colocaria, na visão deste autor, como uma ciência para solucionar a crise das sociedades daquela época, sem, no entanto, mudar sua estrutura básica.

Comte tem uma visão organicista e funcionalista da sociedade, ou seja, ela é um grande organismo que para funcionar bem cada parte tem que cumprir bem o seu papel. Indivíduos, classes e instituições cumprem funções essenciais para que o todo funcione com ordem e gere o progresso.

De seu ponto de vista, o progresso deveria ser o alvo a se atingir, mas sempre com ordem, para que não ocorresse o caos novamente. Daí o seu lema “o amor por

princípio, a ordem por base, o progresso por fim”. Mas Comte não chegou a viabilizar a sua aplicação. Seu trabalho apenas iniciou uma discussão que deveria ser continuada, a fim de que a Sociologia viesse a alcançar um estágio de maturidade e aplicabilidade.

No Brasil o positivismo teve uma influência tão grande entre os militares que proclamaram a república que eles estamparam um de seus lemas na nossa bandeira.



A religião da humanidade

Na última grande obra de Comte, o *Sistema de política positiva* (1851-1854), a intenção comtiana de regenerar a sociedade com base no conhecimento das leis sociais assume as formas de uma religião, na qual o amor a Deus é substituído pelo amor a humanidade. A humanidade é o ser que transcende os indivíduos. Ela é composta por todos os indivíduos vivos, pelos mortos e pelos ainda não nascidos. Em seu interior, os indivíduos se substituem como as células de um organismo. Os indivíduos são o produto da humanidade, que deve ser venerada como o eram outrora os deuses pagãos.

Fascinado pelo catolicismo, em virtude do seu universalismo e de sua capacidade de envolver em si toda a vida humana, Comte sustenta que a religião da humanidade deve ser a cópia exata do sistema eclesiástico.

Os dogmas da nova fé já estão prontos: são a filosofia positiva e as leis científicas.



Igreja positivista do Brasil

Os ritos, os sacramentos, o calendário e o sacerdócio são necessários para a difusão de novos dogmas. Haverá um batismo secular, uma crisma secular e uma unção dos enfermos secular. O anjo da guarda positivo será a mulher (não devemos nos esquecer da idealização que Comte fez da mulher amada, Clotilde de Vaux). Os meses tomarão nomes significativos da religião positiva (por exemplo, Prometeu), e os dias da semana serão consagrados cada um a uma das sete ciências. Serão construídos templos leigos (institutos científicos). Um papa positivo exercerá sua autoridade sobre as autoridades positivas que se ocuparão do desenvolvimento das indústrias e da utilização prática das descobertas. Na sociedade positiva, os jovens serão submetidos aos anciãos e o divórcio será proibido. A mulher torna-se a protetora e a fonte da vida sentimental da humanidade.



A humanidade é o “grande ser”; o espaço, o “grande ambiente”; e a terra, o “grande fetiche” - essa é a trindade da religião positiva.

QUESTÕES

1. (UNICENTRO 2011) Para Augusto Comte, uma das funções da Sociologia ou Física Social era encontrar leis sociais que conduzissem o progresso da humanidade. Sobre os estágios do progresso social discutidos pelo autor, é correto afirmar:

- A) O estágio teológico nega a existência de apenas uma explicação divina para os fenômenos naturais e sociais.
- B) O positivismo é o estágio superior do progresso social, porque se sustenta nos métodos científicos.
- C) O estágio mais simples é o mítico, seguido pelo teológico e pelo científico, que é o mais elaborado.
- D) O primeiro estágio do conhecimento é o metafísico, em que conceitos abstratos explicam o mundo.
- E) A Europa exemplificava uma sociedade em estado de desenvolvimento teológico.

2. Auguste Comte foi quem deu origem ao termo Sociologia, pensada como uma física social, capaz de pôr fim à anarquia científica que vigorava, em sua opinião, ainda no século XIX. A respeito das concepções fundamentais do autor para o surgimento dessa nova ciência, todas as alternativas abaixo são corretas, exceto:

- a) O objetivo era conhecer as leis sociais para se antecipar, racionalmente, aos fenômenos e, com isso, agir com eficácia, na direção de se permitir uma organização racional da sociedade.
- b) As preocupações de natureza científica, presentes na obra de Comte, não apresentavam relação prática com a desorganização social, moral e de ideias do seu tempo.
- c) Era necessário aperfeiçoar os métodos de investigação das leis que regem os fenômenos sociais, no sentido de se descobrir a ordem inscrita na história humana.
- d) Entre ordem e progresso há uma necessidade simultânea, uma vez que a estabilidade (princípio estático) e a atividade (princípio dinâmico) sociais são inseparáveis.

3. A sociologia nasce no séc. XIX após as revoluções burguesas sob o signo do positivismo elaborado por Augusto Comte. As características do pensamento comtiano são:

- a) a sociedade é regida por leis sociais tal como a natureza é regida por leis naturais; as ciências humanas devem utilizar os mesmos métodos das ciências naturais e a ciência deve ser neutra.
- b) a sociedade humana atravessa três estágios sucessivos de evolução: o metafísico, o empírico e o teológico, no qual predomina a religião positivista.
- c) a sociologia como ciência da sociedade, ao contrário das ciências naturais, não pode ser neutra porque tanto o sujeito quanto o objeto são sociais e estão envolvidos reciprocamente.
- d) o processo de evolução social ocorre por meio da unidade entre ordem e progresso, o que necessariamente levaria a uma sociedade comunista.

4. A filosofia da História – o primeiro tema da filosofia de Augusto Comte – foi sistematizada pelo próprio Comte na célebre “Lei dos Três Estados” e tinha o objetivo de mostrar por que o pensamento positivista deve imperar entre os homens. Sobre a “Lei dos Três Estados” formulada por Comte, é correto afirmar que

- a) Augusto Comte demonstra com essa lei que todas as ciências e o espírito humano desenvolvem-se na seguinte ordem em três fases distintas ao longo da história: a positiva, a teológica e a metafísica.
- b) na “Lei dos Três Estados” a argumentação desempenha um papel de primeiro plano no estado teológico. O estado teológico, na sua visão, corresponde a uma etapa posterior ao estado positivo.

c) o estado teológico, segundo está formulada na “Lei dos Três Estados”, não tem o poder de tornar a sociedade mais coesa e nenhum papel na fundamentação da vida moral.

d) o estado positivista apresenta-se na “Lei dos Três Estados” como o momento em que a observação prevalece sobre a imaginação e a argumentação, e na busca de leis imutáveis nos fenômenos observáveis.

e) para Comte, o estado metafísico não tem contato com o estado teológico, pois somente o estado metafísico procura soluções absolutas

5. Augusto Comte (1798-1857) foi um pensador positivista que propôs uma nova ciência social, a Sociologia, que inicialmente foi chamada de Física Social. Sobre os princípios dessa ciência para esse autor, analise as afirmativas e assinale as alternativas, marcando V para verdadeiro ou F para falso.

() No estágio positivo, a vida social será explicada pela filosofia, triunfando sobre todas as outras formas de pensamento.

() A imposição da disciplina era, para os positivistas, uma função primordial da escola, pois ali os membros de uma sociedade aprenderiam, desde pequenos, a importância da obediência e da hierarquia.

() A maturidade do espírito seria encontrada na ciência; por isso, na escola de inspiração positivista, os estudos literários e artísticos prevalecem sobre os científicos.

() Defendeu a necessidade de substituir a educação europeia, ainda essencialmente teológica, metafísica e literária, por uma educação positiva, conforme o espírito da civilização moderna.

A sequência correta é

- a) F,V,V.F.
- b) F,V,F,V.
- c) V,F,F,F.
- d) V,V,V,F.

6. (UNICENTRO 2011) Seu esquema sociológico era tipicamente positivista, ele acreditava que toda a vida humana tinha atravessado as mesmas fases históricas distintas e que, se a pessoa pudesse compreender esse progresso, poderia prescrever os remédios para os problemas de ordem social. Era um grande defensor da moderna sociedade capitalista.

Essa descrição está relacionada com o perfil de

- A) Karl Marx.
- B) Max Weber.
- C) Auguste Comte.
- D) Émile Durkheim.
- E) Herbert Spencer.

7. Segundo a Lei dos Três Estados, conceito fundamental na obra de Auguste Comte, a evolução das concepções intelectuais da humanidade percorreu três estados teóricos distintos e consecutivos, a saber:

- a) Mitológico, teológico e filosófico.
- b) Teológico, metafísico e científico.
- c) Metafísico, abstrato e positivo.
- d) Fetichista, teológico e positivo.
- e) Mitológico, filosófico e científico.

8. Para Augusto Comte, uma das funções da Sociologia ou Física Social era encontrar leis sociais que conduzissem o progresso da humanidade. Sobre os estágios do progresso social discutidos pelo autor, é correto afirmar:

- a) O estágio teológico nega a existência de apenas uma explicação divina para os fenômenos naturais e sociais.
- b) O positivismo é o estágio superior do progresso social, porque se sustenta nos métodos científicos.
- c) O estágio mais simples é o mítico, seguido pelo teológico e pelo científico, que é o mais elaborado.
- d) O primeiro estágio do conhecimento é o metafísico, em que conceitos abstratos explicam o mundo.
- e) A Europa exemplificava uma sociedade em estado de desenvolvimento teológico.

9. (UNICENTRO 2014) Com total consciência da crise do seu tempo, de uma revolução pelo desenvolvimento, que não terminava nunca, apontava Comte na Física Social (sociologia) como ciência positiva, a única que faltava, o meio de poderem os homens conhecer o passado e dele extrair a linha evolutiva que os levaria a um futuro certo e inequívoco. Com objetivos práticos, nasceu a sociologia na obra de Augusto Comte: conhecer para agir, compreender para reorganizar.

Adaptado de: MORAES FILHO, E. (org.) Comte. São Paulo: Ática, 1989. p.15-16.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a teoria de Comte, assinale a alternativa correta.

- a) A positividade comtiana significava desacreditar nas instituições públicas da sociedade emergente, priorizando a crença na capacidade individual de conduzir os rumos sociais.
- b) A sociologia positiva, para Auguste Comte, deveria ser apenas uma resposta teórica ao negativismo hegeliano sem nenhuma influência sobre a sociedade moderna.
- c) Para Auguste Comte, a sociologia era a ciência que faltava para sistematizar todo o conhecimento científico. A sociologia era a ciência por excelência que contribuiria com a reorganização da emergente sociedade moderna.
- d) O pensamento comtiano privilegia o papel das instituições públicas diante da necessidade de bem-estar

do indivíduo e da sociedade como um todo orgânico e coeso.

e) O positivismo comtiano se caracteriza pela defesa da liberdade pessoal e social como uma resposta ao rigor imposto pelas regras eclesiásticas que vinham sendo questionadas com as revoluções dos séculos XVIII e XIX.

10. (UEM 2014) Encontra-se no positivismo de Auguste Comte a “lei dos três estados”. Segundo este princípio básico de classificação, o primeiro estado é o teológico (quando os fenômenos da natureza são explicados a partir de forças divinas e sobrenaturais); o segundo estado é o metafísico (quando os fenômenos da natureza são explicados a partir de teorias arbitrárias e especulativas) e o terceiro estado é o positivo (quando os fenômenos da natureza são explicados a partir da observação empírica). Sobre a lei dos três estados de Auguste Comte, assinale o que for correto:

01) O estado metafísico representa a expectativa de superação do estado teológico, pois o sobrenatural é substituído pela razão teórica.

02) O estado positivo dispõe de leis causais, segundo as quais os fenômenos físicos são explicados a partir da observação empírica.

04) A lei dos três estados influenciou as “metamorfozes de Zaratustra”. Nessa metáfora de Nietzsche, o camelo representa a infância da humanidade.

08) Segundo a disposição dos três estados, a ciência moderna corresponde ao estado positivo.

16) Segundo a disposição dos três estados, a mitologia grega corresponde ao estado teológico.

11. (UEM 2013) “O espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente [...] três métodos de filosofar: [...] primeiro o método teológico, em seguida o método metafísico, finalmente, o método positivo. [...] No estado teológico, o espírito humano [...] apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do Universo. No estado metafísico, [...] os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, verdadeiras entidades (abstrações personificadas) inerentes aos diversos seres de mundo, e concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados [...]. Enfim, no estado positivo, o espírito humano [...] renuncia a procurar a origem e o destino do Universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude”

COMTE, A. Curso de filosofia positiva. In: CHALITA, G. *Vivendo a filosofia*: ensino médio. 4.ª ed. São Paulo: Ática, 2011, p. 354-355.

Com base nas afirmações acima e nos conhecimentos sobre ciência e senso comum, assinale o que for **correto**.

01) O método positivo considera a comprovação pelo método científico o único caminho válido para se atingir o conhecimento.

02) A formulação do estado teológico baseia-se na explicação da realidade a partir de forças sobrenaturais, como deuses, anjos e demônios.

04) O estado metafísico personifica, por meio da imaginação criadora, os mitos gregos.

08) Para o estado positivo, postulados metafísicos, tais como os que tratam de entidades como Deus, não podem ser objeto do conhecimento.

16) A sucessão dos estados é cíclica e permanente, razão pela qual o método filosófico retorna, depois do estado positivo, ao seu princípio, renovando-se continuamente.

12. (UNICENTRO 2010) “Compreender as características das sociedades capitalistas tem sido a preocupação da Sociologia desde o início da sua consolidação como ciência da sociedade no final do século XIX. Nesse período, o capitalismo se configurava como uma nova forma de organização da sociedade caracterizada por novas relações de trabalho. Essas mudanças levaram os pensadores da sociedade da época a indagações e à elaboração de teorias explicativas dessa dinâmica social, sob diferentes olhares e posicionamentos políticos.”

(Sociologia / vários autores. – Curitiba: SEED-PR, 2007, p.10).

Considerando as circunstâncias históricas que em meados do século XIX explicam o surgimento da sociologia, assinale a alternativa **INCORRETA**.

a) Para Augusto Comte o conhecimento da sociedade, no século XIX, não mais podia depender das crenças religiosas e das explicações metafísicas.

b) Entre os acontecimentos que explicam o surgimento da sociologia estão a Revolução Francesa e a Revolução Industrial

c) O criador do termo sociologia, para explicar a transformação do espírito humano, elaborou uma lei que chamou de lei dos três estados.

d) O avanço do conhecimento científico é um dos principais fatores que explicam o surgimento da sociologia.

e) Augusto Comte, para explicar a moderna sociedade industrial, elaborou e definiu o conceito de mais valia.

13.



A bandeira nacional, símbolo maior da República Federativa do Brasil, é bastante simbólica. Além das suas cores, existem também os dizeres “Ordem e Progresso”. Esses dizeres possuem sua origem em qual teoria filosófica?

- a) No Materialismo histórico, de Karl Marx.
- b) No Positivismo, de Auguste Comte.
- c) No Idealismo, de Friedrich Hegel.
- d) No Funcionalismo, de Émile Durkheim.
- e) No Iluminismo, de René Descartes.

14. (UNICENTRO 2013) “O positivismo foi o pensamento que glorificou a sociedade europeia do século XIX, em franca expansão. Procurava resolver os conflitos sociais por meio da exaltação à coesão, à harmonia natural entre os indivíduos, ao bem estar do todo social”

(Cristina Costa, 2005).

Quem foi o principal representante e sistematizador desse pensamento?

- A) Émile Durkheim.
- B) Karl Marx.
- C) Max Weber.
- D) Pierre Bourdieu.
- E) Auguste Comte.

15. (ENEM 2015) O filósofo Auguste Comte (1798 – 1857) preenche sua doutrina com uma imagem do progresso social na qual se conjugam ciência e política: a ação política deve assumir um aspecto de ação científica e a política deve ser estudada de maneira científica (a física social). Desde que a Revolução Francesa favoreceu a integração do povo na vida social, o positivismo obstina-se no programa de uma comunidade pacífica. E o Estado, a instituição do “reino absoluto da lei”, é a garantia da ordem que impede o retorno potencial das revoluções e engendra o progresso.

RUBY, C. *Introdução à Filosofia política*. São Paulo: Unesp, 1998 (adaptado).

A característica do Estado positivo que lhe permite garantir não só a ordem, como também o desejado progresso das nações, é ser

- A) espaço coletivo, onde as carências e desejos da população se realizam por meio das leis.
- B) produto científico da física social, transcendendo e transformando as exigências da realidade.

- C) elemento unificador, organizando e reprimindo, se necessário, as ações dos membros da comunidade.
- D) programa necessário, tal como a Revolução Francesa, devendo portanto se manter aberto a novas insurreições.
- E) agente repressor, tendo um papel importante a cada revolução, por impor pelo menos um curto período de ordem.

4. O POSITIVISMO UTILITARISTA INGLÊS

4.1 JOHN STUART MILL

John Stuart Mill (1806-1873) foi educado de modo metódico e severo pelo pai (é impressionante todo o trabalho que James fazia o filho realizar).



Crescido na atmosfera cultural inglesa do liberalismo, amigo do economista francês Jean-Baptiste Say (que visitou na França), influenciado pelos escritos de Saint-Simon e seus seguidores, mais tarde leitor e correspondente de Comte (cujas ideias autoritárias e despóticas refutaria), desde jovem, quando leu Bentham pela primeira vez, em 1821, acreditava possuir o que pode ser chamado de “objetivo de vida”: “ser um reformador do mundo”.

E pelo resto de sua vida, Stuart Mill trabalhou com muita intensidade, dentro da tradição empirista, associacionista e utilitarista, construindo com muita intensidade um conjunto de teorias lógicas e ético-políticas que marcaram a segunda metade do século XIX inglês e que até hoje constituem pontos de referência e etapas obrigatórias, tanto para o estudo da lógica da ciência como para a reflexão no campo ético e político.

De fato, se o ensaio *Sobre a liberdade* (1859) - escrito em colaboração com sua mulher - é um clássico da defesa dos direitos da pessoa, seu Sistema de lógica raciocinativa e indutiva (1843) continua um clássico da lógica indutiva.

O silogismo não aumenta o nosso conhecimento

A lógica, diz Mill, é a ciência da prova, isto é, do modo correto de inferir proposições de outras proposições. Por isso, ele trata em primeiro lugar dos nomes e das proposições, em que reside toda verdade e todo erro.

Mas as argumentações são cadeias de proposições, que deveriam levar a conclusões verdadeiras se as premissas forem verdadeiras. E o silogismo foi considerado como tipo de argumentação válida.

Qual é, porém, o valor do silogismo? Examinemos o seguinte silogismo: “Todos os homens são mortais; o duque de Wellington é homem; logo, o duque de Wellington é mortal”. Concluímos então que “o duque de Wellington é mortal”, a partir da proposição de que “todos os homens são mortais”. Todavia, como sabemos que todos os homens são mortais? Sabemo-lo porque vimos a morte de Paulo, Francisco, Maria e tantos outros, e porque outros nos contaram terem visto morrer outras pessoas. Portanto, é da experiência que extraímos a verdade da proposição “todos os homens são mortais”.

E a experiência nos faz observar apenas casos individuais.

Por isso, a tese fundamental de Mill é a de que “toda inferência é de particular para particular”, ao passo que a única justificação do “isso será” é o “isso foi”. E a proposição “geral” é o expediente para conservar na memória muitos fatos particulares. Para Mill, todos os nossos conhecimentos e todas as verdades são de natureza empírica, até as proposições das ciências dedutivas, como a geometria.

Na opinião de Mill, o silogismo é estéril, pois não aumenta nosso conhecimento: o fato de o duque de Wellington ser mortal é uma verdade que já está incluída na premissa segundo a qual todos os homens são mortais.

Mas aqui as coisas se complicam, pois, se é verdade que todo o nosso conhecimento é obtido por observação e experiência, e se é verdade que a experiência e a observação sobre as quais devemos nos basear nos oferecem sempre um número limitado de casos, como teremos então legitimidade para formular proposições gerais como “todos os homens são mortais”, ou as leis universais da ciência? Como, a partir do fato de que Pedro, José e Tomas morreram, dizemos que todos os homens são mortais?

Esse, na realidade, é o difícil problema da indução. Diz Mill: “A indução é o processo com o qual concluímos que aquilo que é verdadeiro de certos indivíduos de uma classe é verdadeiro para toda a classe, ou que aquilo que é verdadeiro em certos momentos será verdadeiro em circunstâncias semelhantes em todo momento”.

Segundo Mill, a indução é generalização a partir da experiência. Ela consiste em inferir, a partir de alguns casos isolados em que se observa que o fenômeno se verifica, que ele se verifica também em todos os casos de certa classe, ou seja, em todos os que se assemelham aos anteriores naquelas que consideramos como circunstâncias essenciais.

O princípio de indução

Para distinguir as circunstâncias essenciais das não essenciais, ou seja, tendo em vista escolher, entre as circunstâncias que precedem ou se seguem a um fenômeno, aquelas às quais realmente está ligado por lei invariável, Mill propõe aqueles que ele chama de “Os quatro métodos da indução”: o método da concordância, o método da diferença, o método das variações concomitantes e o método dos resíduos.

Nesse caso, porém, a questão mais candente é a do fundamento das inferências indutivas ou indução: em suma, qual é a garantia para todas as nossas inferências a partir da experiência?

Na opinião de Mill, essa garantia encontra-se no princípio segundo o qual “o curso da natureza é uniforme”: esse é o princípio fundamental ou axioma geral da indução. E esse princípio foi formulado de diversos modos: o universo é governado por leis, o futuro se assemelhará ao passado.

Mas a realidade é que “nós não inferimos do passado para o futuro enquanto passado e futuro, e sim do conhecido para o desconhecido, de fatos observados para fatos não observados, do que percebemos ou do que ficamos diretamente conscientes para o que não entrou em nossa experiência. Nessa afirmação está toda a área do futuro, mas também a parte, de longe maior, do presente e do passado”.

O princípio de indução (uniformidade da natureza ou princípio de causalidade), portanto, é o axioma geral das inferências indutivas, que é a premissa maior última de toda indução. Mas qual é o valor desse princípio? Será ele evidente *a priori*? Não, responde Mill: “A verdade é que essa grande generalização também está baseada em generalizações precedentes. As mais obscuras leis da natureza foram descobertas por seu meio, mas as mais óbvias provavelmente foram entendidas e aceitas como verdades gerais antes que delas sequer se ouvisse falar”. Em outras palavras, as mais óbvias generalizações descobertas no início (o fogo queima, a água molha etc.) sugerem o princípio da uniformidade da natureza. Uma vez formulado, esse princípio foi proposto como fundamento das generalizações indutivas; estas, depois de descobertas, atestam o princípio da uniformidade, pelo qual “é uma lei que todo acontecimento dependa de alguma lei”, e “para cada acontecimento existe alguma combinação de objetos ou acontecimentos [...] cuja ocorrência é sempre seguida daquele fenômeno”.

Estes são, portanto, de modo geral, alguns dos traços de fundo da lógica indutiva de Mill.

As ciências morais

O livro VI do *Sistema de lógica* diz respeito à *lógica das ciências morais*. Nele Mill reafirma a liberdade do querer humano.

Se conhecêssemos uma pessoa profundamente e, portanto, conhecêssemos todos os moventes que nela agem, diz Mill, poderíamos predizer seus comportamentos com a mesma certeza com que prevemos qualquer comportamento físico.

Todavia, tal *necessidade filosófica* não é *fatalidade*. A fatalidade é constrição misteriosa e impossível de mudar. A necessidade filosófica, ao contrário, não impede que, urna vez conhecida, possamos agir sobre a causa da própria ação, como agimos sobre as causas dos processos naturais.

Portanto, não há divergência entre liberdade do indivíduo e ciências da natureza humana. E, entre as ciências da natureza humana, Mill propõe em primeiro lugar a psicologia, que “tem por objeto a uniformidade de sucessão [...], segundo a qual um estado mental sucede a outro”.

É a uma ciência particular “ainda por criar”, isto é, a *etologia* (de *ethos* = caráter), que Mill atribui a função de estudar a formação do caráter, com base nas leis gerais da mente e da influência das circunstâncias sobre o caráter. E se a etologia é complexa, mais complexa ainda é a *ciência social* que estuda “o homem em sociedade, as ações das massas coletivas de homens e dos vários fenômenos que constituem a vida social”.

De 1861 é o *Utilitarismo*. A ideia central do trabalho de Mill é a de Bentham: “Segundo o princípio da máxima felicidade, o fim último em razão do qual todas as outras coisas são desejáveis é uma existência o tanto quanto possível isenta de dores e o mais rica possível de prazeres”.

Até aí Mill está de acordo com Bentham. Mas, diferentemente de Bentham, afirma que se deve levar em conta não somente a quantidade de prazer, mas também a *qualidade*: “É preferível ser um Sócrates doente do que um porco satisfeito”. Para saber “qual de duas dores é a mais aguda ou qual de dois prazeres o mais intenso, é preciso confiar no juízo geral de todos os que têm prática de umas e de outros”. E, para Mill, também não se delinea o contraste entre a maior felicidade do indivíduo e a felicidade do conjunto: é a própria vida social que nos educa, e radica em nós sentimentos desinteressados.

Também são notáveis os ensaios publicados postumamente *Sobre a religião* (1874). *A ordem* do mundo comprova uma inteligência ordenadora. Mas isso não nos autoriza a dizer que Deus tenha criado a matéria, que ele seja onipotente ou onisciente.

Como mais tarde em William James, em suma, Deus não é o Todo Absoluto; o homem é colaborador de Deus ao pôr ordem no mundo e ao produzir harmonia e justiça.

Para Mill, a fé é esperança que ultrapassa os limites da experiência. Mas, pergunta-se ele, “por que não nos deixarmos guiar pela imaginação a uma esperança, ainda que jamais se possa produzir uma razão provável de sua realização?”

A defesa da liberdade do indivíduo

À liberdade individual é dedicado o ensaio *Sobre a liberdade* (1859), fruto da colaboração do filósofo com sua mulher. Talvez ainda hoje esse livro seja a defesa mais lúcida e rica de argumentação da autonomia do indivíduo. Mill estava profundamente convencido do valor desse livro, pois escrevia em sua Autobiografia que ele sobreviveria mais do que qualquer outro livro seu (com a possível exceção da *Lógica*).

O núcleo teórico do trabalho está em reafirmar “a importância, para o homem e a sociedade, de ampla variedade de características e de completa liberdade da natureza humana a expandir-se em direções inumeráveis e contrastantes”.

Na opinião de Mill, não basta que a liberdade seja protetora do despotismo do governo, mas também precisa ser protegida contra “a tirania da opinião e do sentimento predominantes, contra a tendência da sociedade a impor, com outros meios além das penalidades civis, suas próprias ideias e seus costumes como regras de conduta para os que dela se dissociam”.

O que Mill defende é o direito do indivíduo a viver como lhe aprouver: “Cada qual é o guardião único de sua própria saúde, seja corporal, seja mental e seja ainda espiritual”. E isso pelo motivo fundamental de que o desenvolvimento social é consequência do desenvolvimento das mais variadas iniciativas individuais.

Naturalmente, a liberdade de cada um encontra seu limite na liberdade do outro. Cabe ao indivíduo “não lesar os interesses alheios ou aquele determinado grupo



de interesses que, por expressa disposição da lei ou por tácito consenso, devam ser considerados como direitos”. Cabe-lhe também assumir sua parte nas responsabilidades e sacrifícios necessários à defesa da sociedade e de seus membros contra todo prejuízo ou dano.

A liberdade civil implica:

a) liberdade de pensamento, de religião e de expressão;

b) liberdade de gostos e liberdade de projetar nossa vida segundo nosso caráter;

c) liberdade de associação. A ideia de Mill, portanto, é a da maior liberdade possível de cada um para o bem-estar de todos.

No espírito do livro *Sobre a liberdade*, de 1859, Mill escreveu o ensaio *Sobre a servidão das mulheres*. Trata-se de páginas de elevada sensibilidade moral e de grande agudeza na análise social. Há séculos que a mulher é considerada inferior “por natureza”. Mas, recorda Mill, a “natureza feminina” é fato artificial, fato histórico. As mulheres são relegadas à marginalidade em benefício exclusivo dos homens, tanto na família como, segundo o que ocorria então na Inglaterra, nas fábricas, afirmando-se, além disso, que elas não têm dotes que possam fazê-las se destacar na ciência ou na arte.

Mill sustenta que o problema deve ser resolvido com meios políticos: criar as condições sociais de paridade entre homem e mulher.

As ideias de Mill sobre a emancipação feminina encontraram grande ressonância na Inglaterra na virada do século, no seio do movimento feminista pelo sufrágio universal.

Na Inglaterra o direito de voto para as mulheres foi aprovado em 1919.

4.2 HERBERT SPENCER

Religião e ciências são correlatas



Charles Darwin publicou *A origem das espécies* em 1859. Antes, porém, em 1852, Herbert Spencer (1820-1903) publicara a *Hipótese do desenvolvimento*, que apresenta uma concepção evolucionista.

Em 1855 apareciam os *Princípios de psicologia*, em que a teoria evolucionista era desenvolvida amplamente. E em 1860 Spencer anunciou um projeto de *Sistema de filosofia*, que deveria abranger todo o cognoscível. Fixou *Os primeiros princípios* desse sistema em um volume que

apareceu em 1862, no qual a teoria evolutiva se apresenta como grandiosa metafísica do universo, dando lugar a uma concepção otimista do devir, visto como progresso irreprimível.

Já no primeiro capítulo, *Os primeiros princípios* tratam da complexa e delicada questão das relações entre religião e ciência. Spencer sustenta que a realidade última é incognoscível e que o universo é um mistério.

Isso é atestado pela religião e pela ciência. Toda teoria religiosa “é uma teoria *a priori* do universo”, e todas as religiões, prescindindo de seus dogmas específicos, reconhecem que “o mundo, com tudo aquilo que contém e que o circunda, é mistério que pede explicação, e que a potência de que o universo é manifestação é completamente impenetrável”. Por outro lado, na pesquisa científica, “por maior que seja o progresso feito na vinculação dos fatos e na formação de generalizações sempre mais amplas, a verdade fundamental continua mais inacessível do que nunca.

Mais do que qualquer outro, o cientista vê com certeza que nada pode ser conhecido em sua última essência. Os fatos são explicados; as explicações, por seu turno, também são explicadas; mas haverá sempre uma explicação a explicar; por isso, a realidade última é e permanecerá sempre incognoscível.

Assim, as religiões atestam o mistério que sempre exige ser interpretado e as ciências remetem a um absoluto que elas, como conhecimentos relativos, jamais captarão. Mas o absoluto existe, caso contrário não poderíamos falar de conhecimentos relativos. E, por outro lado, nós podemos estar seguros de que as religiões, ainda que nenhuma seja verdadeira, são todas, porém, pálidas imagens de uma verdade.

Por tudo isso, religião e ciência são conciliáveis: ambas reconhecem o absoluto e o incondicionado. Mas, se a função das religiões é manter vivo o sentido do místico, a função da ciência é a de estender sempre para além o conhecimento do relativo, sem nunca captar o absoluto.

E se a religião erra ao se apresentar como conhecimento positivo do incognoscível, a ciência erra ao pretender incluir o incognoscível no interior do conhecimento positivo. Entretanto, diz Spencer, tais contrastes estão destinados a se atenuar sempre mais com o tempo. E “quando a ciência estiver convencida de que suas explicações são próximas e relativas e a religião estiver convencida de que o mistério que ela contempla é absoluto, reinará entre ambas uma paz permanente”.

Para Spencer religião e ciência são correlatas. Elas são “como que o polo positivo e o polo negativo do pensamento: um não pode crescer em intensidade sem aumentar a intensidade do outro”. E, observa agudamente Spencer, se a religião teve “o mérito elevado

de ter entrevistado desde o início a verdade última e nunca ter deixado de nela insistir”, também é verdade que foi a ciência que ajudou ou forçou a religião a se purificar de seus elementos não-religiosos, como os elementos animistas e mágicos.

O papel da filosofia no pensamento de Spencer

Mas qual o lugar e qual a função da filosofia no pensamento spenceriano? Em *Os primeiros princípios*, a filosofia é definida como “o conhecimento do mais alto grau de generalidade”.

Para Spencer, as verdades científicas desenvolvem, ampliam e aperfeiçoam os conhecimentos do senso comum. Entretanto, elas existem separadas, até quando, em um processo contínuo de unificação, são agrupadas e logicamente organizadas a partir de algum princípio fundamental de mecânica, de física molecular, e assim por diante.

Pois bem, segundo ele, “as verdades da filosofia têm com as mais altas verdades da ciência a mesma relação que cada uma delas tem como as mais humildes verdades científicas. Como toda ampla generalização da ciência abrange e consolida as mais estritas generalizações de suas próprias partes, da mesma forma as generalizações da filosofia abrangem e consolidam as amplas generalizações da ciência”.

A filosofia, portanto, é *a ciência dos primeiros princípios*, onde se leva ao limite extremo o processo de unificação do conhecimento: “o conhecimento de ínfimo grau é não unificado; a ciência é um conhecimento parcialmente unificado; a filosofia é conhecimento completamente unificado”.

Para alcançar esse objetivo, a filosofia não pode deixar de partir dos que são os princípios mais vastos e gerais a que a ciência chegou. Para Spencer, tais princípios são:

- a) a indestrutibilidade da matéria;
- b) a continuidade do movimento;
- c) a persistência da força.

Princípios desse tipo não são próprios de uma só ciência, pois interessam a todas as ciências. E, por outro lado, são unificados em um princípio mais geral, que, na opinião de Spencer, é o “da distribuição contínua da matéria e do movimento”. Na realidade, escreve ele, “o repouso absoluto e a permanência absoluta não existem; todo objeto, bem como a reunião de todos os objetos, sofre a cada instante alguma mudança de estado”.

A lei dessa incessante e geral mudança é a *lei da evolução*.

A evolução do universo

Foi em 1857, em um artigo sobre o progresso, que Spencer introduziu pela primeira vez no vocabulário filosófico-científico o termo “evolução”. Dois anos depois, Darwin tornou o termo célebre com seu livro sobre a evolução das espécies por obra da seleção natural.

Mas, enquanto Darwin se limita a evolução dos seres vivos, Spencer fala de *evolução do universo*.



Conforme Spencer, as características essenciais da evolução são três:

1) A primeira característica da evolução é que ela é passagem de uma forma menos coerente a uma mais coerente (por exemplo, o sistema solar, que saiu de uma nebulosa).

2) A segunda característica fundamental é a de que ela é passagem do homogêneo ao heterogêneo. Este fato, sugerido a Spencer pelos fenômenos biológicos (as plantas e os animais se desenvolvem diferenciando órgãos e tecidos diversos), vale também para o desenvolvimento de qualquer âmbito da realidade.

3) A terceira característica da evolução é que ela é passagem do indefinido ao definido, como no caso da passagem de uma tribo selvagem a um povo civilizado, onde tarefas e funções estão claramente especificadas.

Determinadas as características da evolução, Spencer lhe dá a seguinte definição: “A evolução é uma integração de matéria acompanhada por dispersão de movimento, em que a matéria passa de uma homogeneidade indefinida e incoerente para uma heterogeneidade definida e coerente, ao passo que o movimento contido sofre uma transformação paralela”.

O evolucionismo em biologia

A evolução do universo é um processo necessário. O ponto de partida da evolução é a homogeneidade, que é um estado instável.

E em todos os casos encontramos progresso em direção ao equilíbrio. No que se refere ao homem, “a evolução só pode terminar [...] com o estabelecimento da maior perfeição e da mais completa felicidade”.

Naturalmente, as condições de equilíbrio podem não durar, podem desaparecer e se destruir, mas também

a condição de caos e dissolução não pode ser definitiva, já que dela se inicia novo processo de evolução.

Portanto, o universo progride, e progride para melhor. Aí reside o otimismo do positivismo evolucionista de Spencer.

Spencer apresenta uma visão metafísica do evolucionismo. Mas ele também tentou *especificar* sua teoria em vários e precisos terrenos. No que se refere à *biologia*, Spencer sustenta que a vida consiste na adaptação dos organismos ao ambiente, que, mudando continuamente, os desafia. Os organismos respondem a esse desafio diferenciando seus órgãos.

É assim que Spencer reconhece o princípio de Lamarck, segundo o qual a função, isto é, o exercício prolongado de uma reação específica do ser vivo, precede e, lentamente, produz a determinação dos órgãos. Depois, uma vez que o ambiente agiu sobre o ser vivo, produzindo estruturas e órgãos diferenciados, então a seleção natural - sobre a qual Spencer pensa como Darwin - favorece “a sobrevivência do mais adaptado”.

Sobre a questão da derivação da vida orgânica a partir da vida inorgânica, Spencer inclina-se a considerar que a vida orgânica tenha origem em uma massa que, embora indiferenciada, possui, no entanto, a capacidade de se organizar.

O evolucionismo em psicologia

Diversamente de Comte, Spencer pensa que a *psicologia* seja possível como ciência autônoma. Sua função é examinar as manifestações psíquicas dos graus mais baixos (por exemplo, os movimentos reflexos) para chegar a formas mais evoluídas, como se manifestam na criação das obras de arte ou no trabalho de pesquisa dos grandes cientistas.

Além disso, Spencer reconhece na consciência humana elementos *a priori*, no sentido de que são independentes da experiência singular e temporal do indivíduo.

Nesse sentido, portanto, Leibniz e Kant teriam razão. Todavia, recorda Spencer (e essa questão é de grande interesse), aquilo que é *a priori* para o indivíduo é *a posteriori* para a espécie, no sentido de que determinados comportamentos intelectuais uniformes e constantes são produto da experiência acumulada da espécie em seu desenvolvimento, que é transmitida por hereditariedade na estrutura orgânica do sistema nervoso.

Ao contrário de Kant, neste caso *a priori* não equivale a válido: não está excluído que experiências e esquemas fixos e herdados possam estar errados e que possam mudar.

O evolucionismo em sociologia e em ética

Ainda diferentemente de Comte, Spencer concebe uma sociologia orientada para a defesa do indivíduo. Tanto em *O homem contra o Estado* (1884) como em *Estática social* (1850, reeleborado em 1892), e nos *Princípios de sociologia* (1876-1896), Spencer sustenta que a sociedade existe para os indivíduos e não vice-versa, e que o desenvolvimento da sociedade é determinado pela realização dos indivíduos.

A ética de Spencer é uma ética naturalista-biológica, que nem sempre concorda com a ética utilitarista de Bentham e dos dois Mill.

Princípios éticos, normas e obrigações morais são instrumentos de sempre melhor adaptação do homem às condições de vida.

E a evolução, acumulando e transmitindo por hereditariedade experiências e esquemas de comportamento, fornece ao indivíduo *a priori* morais que, precisamente, são *a priori* para o indivíduo, mas *a posteriori* para a espécie.

E como alguns comportamentos essenciais para a sobrevivência da espécie (proteger a própria mulher, educar os filhos etc.) já não tem o peso da obrigação, também ocorrerá com o progresso da evolução para os outros deveres morais. Segundo Spencer, “As ações mais elevadas, requeridas para o desenvolvimento harmônico da vida, serão fatos tão comuns como hoje o são as ações inferiores às quais nos impele o simples desejo”.

QUESTÕES

01. (UEM 2011) O evolucionismo social do século XIX teve um papel fundamental na constituição da sociologia como ramo científico. Sobre essa corrente de pensamento, que reunia autores como Augusto Comte e Herbert Spencer, assinale o que for **correto**.

01) O evolucionismo define que as estruturas, naturais ou sociais, passam por processo de diferenciação e integração que levam ao seu aprimoramento.

02) O evolucionismo propõe que a evolução das sociedades ocorre em estágios sucessivos de racionalização.

04) O evolucionismo considera o Estado Militar como a forma mais evoluída de organização social, fundamentada na cooperação interna e obrigatória.

08) O evolucionismo rejeita o modelo político e econômico liberal, baseado na livre iniciativa e no *laissez-faire*, considerando-o uma orientação contrária à evolução social.

16) O evolucionismo defende a unidade biológica e cognitiva da espécie humana, independente de variações particulares.

GABARITO**QUESTÕES SURGIMENTO**

1. c
2. A
3. b
4. 01/02/08
5. d
6. 02/04/16
7. 01/04/16
8. e
9. d
10. e
11. c
12. c
13. d

QUESTÕES POSITIVISMO

1. a
2. 01/02/08/16
3. d
4. c
5. 01/02/08/16
6. c
7. e
8. 8/16
9. 1/4/16

QUESTÕES COMTE

1. b
2. b
3. a
4. d
5. b
6. c

7. b
8. b
9. c
10. 1/2/8/16
11. 1/2/8
12. e
13. b
14. e
15. c

QUESTÕES SPENCER

1. 01/02/16